



jorge peres

UM CONTO (diferente) DE NATAL - 1

Luis descia a rua pensativo. Mais um Natal, mais uma época do ano em que não se sentia muito à vontade.

Desde que enviudara, à cerca de quatro anos, que passava esta época sozinho. Já se habituara. Mas gostava de sair nas vésperas, ver a azáfama das pessoas comprando os últimos presentes, a alegria das crianças vendo as montras e as luzes.



Este ano não chovia, embora o serviço de meteorologia tivesse dito que a água cairia na Noite de Natal. No entanto o frio era companhia constante, e quem não saísse à rua bem agasalhado iria passar um mau bocado.

Já caminhava há umas boas duas horas, e estava a ficar cansado. Meteu por uma ruas laterais, já com menos movimento de pessoas e de carros. O melhor era ir até casa, cozer a sua postinha de bacalhau.

Numa das ruas da parte velha da cidade viu duas crianças, presumivelmente irmãs, que de mãos dadas olhavam para a montra de uma mercearia.

Ao passar por elas não pode deixar de reparar no motivo daquela atenção. Pequenas latas de bombons, de formato redondo e com muitas cores estavam empilhadas no expositor.

Uma das crianças olhou para ele. Comoveram-no aqueles olhos tristes, molhados, chorosos, e ao mesmo tempo aquele sorriso tão límpido, tão puro.

“--- Um bom Natal!”



Ficou petrificado. A outra criança voltou a cabeça e o seu olhar era ainda mais terno que a primeira. As duas meninas não teriam mais do que 10 anos e pareciam gémeas. Por fim reagiu.

--- Bom Natal para vocês também. Já é tarde para andarem por aqui sozinhas. Os vossos pais estarão preocupados convosco.

Olharam-no de semblante um pouco mais triste. A que primeiro olhara para ele baixou os olhos:

--- Não temos pais.

--- Não têm pais? Mas com certeza vivem com alguém?!

Fez-se um segundo de silêncio, depois as duas crianças sorriram para ele e continuaram a andar rua abaixo.

--- Esperem! Digam-me ... onde vivem? Com quem ???

Mas elas correram á sua frente. Ficou intrigado e mesmo preocupado. Duas meninas, sem pais sozinhas !!!

Qualquer coisa ali não batia certo. Apressou o passo. Dobrou a esquina ainda a tempo de as ver desaparecer no portal dum prédio de aspecto ruinoso. Chegou lá pouco depois.

O edifício ameaçava ruir a qualquer momento . Lá dentro tudo parecia escuro. Mas as crianças tinham entrado ali. Tinha de se certificar.



Num pequeno hall de entrada pedaços de entulho indicava que parte do teto já tinha caído.

Ao olhar para cima pareceu-lhe ver claridade. Subiu com cuidado. As velhas escadas de madeira rangiam ao pisar. Após um corredor havia algumas portas.

Uma delas entreaberta deixava passar uma ténue e incerta luz. Então deparou com um quadro inesperado.

Uma mesa estava coberta com uma toalha, já debotada pelo passar do tempo. Duas velas acesas davam aquela luz que o guiara até ali. Sob a toalha um prato com duas ou três fatias de pão. Ao lado um pacote de margarina aberto e já quase gasto.

Olhou em redor procurando as meninas. A um canto, sentadas no chão elas olhavam-no temerosas.

--- Não tenham medo. Não vos faço mal. Então é aqui que vocês vivem ?!!!

Elas levantaram-se mas não responderam.

--- Vá lá. Não tenham medo. Já vos disse que não vos farei mal.

--- Não nos vai tirar daqui???

--- Eu? Claro que não ... mas porquê ? Devia?

--- É que há uns senhores que nos querem tirar daqui e separar. Dizem que nos põem em casa de umas pessoas ...

--- Bem vamos lá com calma. Já me disseram que não têm pais, mas vivem com alguém ?!



Uma das meninas mantinha-se calada a dos olhos mais expressivos ia falando e perdendo o medo a pouco e pouco.

--- É assim. Os nossos pais morreram num desastre de automóvel. Então nós viemos viver com nossa tia. Mas há umas semanas a tia ficou muito doente, foi lá uma ambulância a casa buscá-la. No dia seguinte foram lá uns senhores para nos levar. Aí eu e a minha irmã fugimos e viemos para aqui.

--- E há quanto tempo estão aqui? Como têm que comer? !!!

--- Estamos aqui há uma semana e eu ainda tive tempo de encher um saco com algumas coisas como pão, bolachas, manteiga ... coisas assim.

--- Então e o Natal?

--- Vai ser aqui.

--- Sozinhas?!

--- Temo-nos uma á outra. Mas temos a nossa árvore. Quer ver?

Pegou numa das velas já quase gasta e caminhou para o canto extremo da sala. Improvisada, feita com uns barrotes velhos pedaços de telha e ripas, estavam algo que bem parecia uma árvores de Natal.

Luis enterneceu-se. Aquelas miudas mereciam mais. Tomou então uma decisão. Passaria o Natal com elas.

--- Oiçam. Estive a pensar. Querem vir passar o Natal comigo a minha casa.

Ficaram pensativas, olhando uma para a outra.

--- Vá lá. Eu vivo sozinho. Sempre era mais familiar.

A mais calada pegou no braço da irmã e levou-a para a parte mais escura da sala. Alguns momento depois voltaram perto dele.

--- Deixe lá. Nós ficamos bem aqui mesmo. Mas muito obrigado pelo convite.

--- Mas aqui não há condições.

--- Não se preocupe. Nós até já nos habituamos a isto aqui.

Olhou-as pensativo.

--- Então e se vier passar o Natal aqui convosco?

Elas olharam-se de novo e a expressão tornou-se mais radiosa.

--- Por nós ... gostávamos muito.

--- Então está decidido. Eu já venho.

Desceu as escadas mais rapidamente. Será que estaria a proceder bem? Aquela casa velha e sem condições, sem aquecimento, sem televisão ... Mas de novo lhe veio à ideia a imagem das duas meninas.



As horas seguintes foram passadas em dois centros comerciais e algumas lojas. Eram cerca de dez horas da noite estavam todos juntos de novo, na casa velha, agora mais

iluminada, pois levava um candeeiro a gaz, a mesa estava cheia de bolos, doces.



No centro um bolo rei e uma panela que trouxera de casa deixava escapar um cheirinho a bacalhau cozido. A cara das crianças estava divinamente feliz. Elas nem queriam acreditar.

Pensando nelas não esqueceu dois embrulhinhos com duas pequenas lembranças que comprara para que o Natal não perdesse para elas aquele espirito de magia.

A mais calada chegou perto dele, esticou-se toda e deu-lhe um beijo na face.

--- Obrigada! Muito obrigada!

Não conseguia conter algumas lágrimas.

--- Então, que é isso? Não quero ver lágrimas esta noite. Vamos cantar. Sabem alguma canção?

--- Sim. Sim. A nossa mãe costumava cantar-nos algumas.

Aquela velha casa em ruína quase total parecia ter recuperado vida de repente. O som das vozes deles espalhavam-se pelas ruas vizinhas. Por vezes sentiam-se vozes cantando em coro com eles.

Ao longe soaram sinos. Luís olhou o relógio. Era meia-noite. Pegou no saco que trouxera e que não deixara ninguém abrir tirou de dentro dele dois pequenos embrulhos.

--- Tomem. É para vocês.

As meninas abriram muito os olhos, como se não acreditassem que pudessem haver mais surpresas aquela noite.

Olharam-se rapidamente e correram para pegar nos embrulhos. Foram desfeitos num repente e diante delas surgiram duas caixas de bombons, redondas ... as mesmas que estavam namorando na montra da mercearia quando Luís as descobriu.

--- Obrigado! Oh! Obrigado!

--- Obrigado Luís. Vês mana?!!! Afinal existe Pai Natal!

Sentaram-se-lhe no colo, uma em cada joelho, abraçadas ao seu pescoço e agarrando as caixas, cada uma a sua.

Luís sentiu-se um homem feliz. Sem dúvida nunca passara um Natal como aquele. Nem se havia sentido a falta de condições, aquecimento, ou mesmo televisão, rádio. Não. Ali estava uma casa acolhedora onde a época festiva se passara com paz e muito amor, acompanhadas de alegria, aquela sã alegria que irradiava daquelas duas meninas tão desprotegidas e agora que ele sentia tão felizes.

Olhou-as de novo e aconchegou-as mais de encontro ao peito. A sua respiração cadenciada deu-lhe a entender que tinham adormecido. Deixou-se ficar assim.

Não foi preciso muito para ele próprio adormecer. Mas que bem que se sentia.



Deu por si a sonhar. Um sonho lindo, mas estranho. Sonhou que Deus falava com ele ...

“... És um bom homem Luís. Antes de te reservar um lugar no meu reino, quis pôr-te à prova mais uma vez. Essas duas meninas que dormem no teu colo são anjos por mim enviados.



O que fizeste para com elas fizeste comigo. Muito em breve te chamarei, quando o fizer, acolhe o chamamento com calma e confiança."

Depois nesse sonho Luís viu as duas meninas subirem no céu acenando alegremente.

Quando acordou Luís estava só. Que estranho sonho. E as meninas? Onde estavam as crianças?

Olhou à volta. A sala estava escura, mas deserta. Nem sinal de mesa, nem restos de comida. Nada. Ninguém. Levantou-se e encaminhou-se para a porta. Lá fora a chuva caía.

Afinal, sempre chovera. O serviço de meteorologia da rádio acertara. Fazia vento mas não sentia frio. Aliás sentia-se bem. Mesmo bem.

Começou a descer a escadas, calmamente, que a madeira estava velha e ruidosa e a humidade tornava-a ainda mais escorregadia. Atravessou o pequeno hall.



Foi então que ouviu um ruído estrondoso. Parecia vir de cima. Olhou mesmo a tempo de ver todo o tecto desabar em cima dele. A casa vinha abaixo. Ficou soterrado, esmagado. Mas não sentiu qualquer dor.

Tudo á sua volta pareceu recuperar côr. O sol voltou a brilhar.

--- Luís anda!

Era uma das meninas. Os mesmos olhos reluzentes. O mesmo sorriso.

--- Anda Luís. Vem!

A outra criança vinha mais atras.

“--- Vem Luís. Eu bem te disse que te chamaria muito em breve.”

FIM

jorge peres

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

